

316

## Moura, Alex de Campos. Entre o Ser e o Nada: a dissolução ontológica na filosofia de Merleau-Ponty. São Paulo: Ed. Humanitas, 2012

Gisele Batista Cândido (Doutorando, USP, São Paulo, São Paulo, Brasil)  
giselebc@gmx.net

Mariana Cabral Tomzhinsky Scarpa (Doutoranda, UFPR, Curitiba, Paraná, Brasil)  
nanascarpa@yahoo.com.br

Com a proposta de investigar a originalidade da dimensão ontológica presente na obra de Merleau-Ponty, Alex de Campos Moura dá continuidade ao seu livro *Liberdade e situação em Merleau-Ponty: uma perspectiva ontológica*, onde é defendida a polêmica existência de uma ontologia, ainda que latente, no que o autor denomina de primeiro período da obra do filósofo francês.

Fruto da tese de doutorado de Moura, seu atual livro, *Entre o Ser e o Nada: a dissolução ontológica na filosofia de Merleau-Ponty*, não apenas estende a investigação dessa dimensão ontológica aos escritos merleau-pontianos de outras fases, abordando sobretudo “A prosa do mundo”, “A linguagem indireta e as vozes do silêncio”, “O olho e o espírito” e “O visível e o invisível”, como também, servindo-se da noção de reversibilidade enquanto chave interpretativa, explora a possível originalidade de tal ontologia. Com efeito, ao considerar a noção merleau-potiana de reversibilidade no horizonte da crítica realizada pelo fenomenólogo às filosofias dualistas, Moura ressalta a importância do teor ambíguo de uma “unidade diacrítica” anterior à cisão sujeito e objeto, na qual o Ser e o Nada são articulados simultaneamente, se constituindo reciprocamente. O Ser é entendido como uma totalidade aberta, que se diferencia internamente singularizando-se, ao passo que o Nada é compreendido como uma negatividade auto-instituente de suas partes.

Recebido em 22 de dezembro de 2011. Aceito em 20 de fevereiro de 2012.

Como uma oposição ao dualismo clássico, Moura distingue, então, a tentativa merleau-pontiana de mostrar uma dinâmica auto-formativa na relação do Ser e do Nada, reconhecendo uma organicidade intrínseca que garante a transição entre estes termos, sem que um se reduza ao outro.

Logo no primeiro capítulo, “linguagem e ontologia”, nos deparamos com a hipótese, controversa entre diversos comentadores da obra de Merleau-Ponty<sup>1</sup>, de que a mudança sofrida na concepção merleau-pontiana acerca da linguagem não implica em uma ruptura completa com a ontologia proposta em seus primeiros escritos. Segundo o autor, as perspectivas empreendidas nos primeiros livros do filósofo já apontam para uma tematização de elementos que serão desdobrados futuramente, como o tratamento direcionado à percepção<sup>2</sup>, compreendida, então, enquanto um movimento de gênese espontânea, sustentado pela temporalidade, onde a relação interna entre o Ser e o Nada renuncia a concepção do para-si e do em-si como antítese, uma vez que a constituição desses termos se dá de maneira recíproca, por passagens e aberturas internas, realizada por meio de uma unidade processual. Para Moura, tanto a linguagem quanto a percepção revelam indiretamente (ou lateralmente) a mesma unidade espontânea destas entidades referenciais (Ser/Nada, Sujeito/Objeto) e não positivas. Nesse horizonte, é possível reconfigurar a relação entre signo e significação, sujeito e objeto, Ser e Nada, pois longe de serem entendidos como instâncias apartadas, ou por uma atividade exclusivamente subjetiva, ou por um excesso de positividade, esses termos envolvem uma relação existencial, uma “compossibilidade orgânica” que os impedem de serem tomados como exteriores entre si.

A análise da linguagem que Merleau-Ponty realiza se inspira no campo da diacronia e da sincronia proposto por Saussure, embora a indicação de uma articulação desses âmbitos seja exclusiva do fenomenólogo. Segundo o filósofo francês, há uma comunicação interna e constitutiva entre o signo e sua significação, que recusa uma positividade em ambos, ao mesmo tempo em que impede uma coincidência absoluta ou uma justaposição entre eles. O signo, dessa forma, não é pura representação, mas sim um referencial que remete ao seu conjunto, ao todo, ao horizonte da língua em que se encontra. Por conseguinte, a significação não advém do exterior, de uma consciência depositária de sentido, antes, sua tessitura abrange uma abertura necessária para que o sistema se constitua na própria significação, tornando possível o engendrar de um sentido. Com isso, a linguagem se apresenta como portadora de uma unidade que não se priva de transformação, pois é justamente nela que a mudança se opera, sem o recurso a uma instância exterior. Não sendo dado em parte alguma, o sentido surge no horizonte da língua, como “pólo latente”, conforme Moura “espontaneamente, porque cada elemento não é senão uma diferenciação em relação aos outros e, por isso mesmo, a afirmação implícita da unidade do conjunto” (MOURA, 2012,

p.40). Há, portanto, apenas um único movimento de diferenciação no interior de uma unidade implicada, necessariamente, entre o signo e a significação que, ao afirmar a particularidade de cada signo, só o faz por sua relação de generalidade com a significação, com o todo. Reversibilidade que ata o singular (signo) a uma generalidade (significação) que o ultrapassa, mas que, indissociável, necessita dele para “encarnar-se”, tal será a fisionomia dessa ontologia implícita, tematizada nesta estrutura reversível entre o uno e o múltiplo.

Insistindo ainda na idéia de que a análise da linguagem feita por Merleau-Ponty desdobra questões abordadas em seus estudos anteriores sobre a percepção, o segundo capítulo, “linguagem e pintura: a gênese espontânea do Ser”, explora o vínculo entre percepção e expressão, bem como suas implicações ontológicas a partir da relação entre linguagem e pintura. Nesse contexto, Moura afirma que a prerrogativa da pintura nos estudos sobre linguagem está em seu poder de “realizar uma redução capaz de revelar aquilo que se dissimula no uso cotidiano das palavras” (MOURA, 2012, p. 65). Tal revelação consiste em uma camada tácita, pré-objetiva, capaz de engendrar um sentido através de uma espécie de lógica alusiva, que evidencia o aspecto auto-orientado, aberto e indireto de todo processo expressivo.

Para Moura, ao analisar o processo criativo envolvido na pintura, Merleau-Ponty nos apresenta uma estrutura espontânea de descentramento e auto-diferenciação do Ser análoga a da linguagem. Compreendida como uma espécie de “deformação coerente do mundo”, sem que seja definida como pura criação, tampouco como mero “decalque do real”, a pintura se afigura como um desdobramento do mundo e de seu solo perceptivo, pois, tal como a linguagem, através de uma atividade articulada por uma temporalidade espontânea e orientada por uma lógica implícita, ela se desenvolve por meio de configurações internas, que se ultrapassam e, no entanto, conservam seu referencial.

Sem cair seja na categoria de pura atividade constituinte, seja na de puro objeto constituído, tanto a pintura quanto a linguagem, transformando ou re-significando, implicam na reconfiguração de um sentido ainda latente, suscitado pela percepção, que se efetiva no gesto expressivo. Percepção vivenciada pelo corpo, que inaugura a estruturação da experiência, o gesto expressivo. Segundo Moura, é à luz desse movimento que nos deparamos com a estrutura aberta e diacrítica do Ser, dotada de uma “negatividade inscrita no próprio percebido e em sua dinâmica estrutural” (MOURA, 2012, p. 80), que, de acordo com a hipótese desenvolvida nesse capítulo, além de cultivar a exceção do sentido, reafirma o vínculo, crucial para a sustentação da ontologia merleau-pontiana, entre expressão e percepção.

Se o segundo capítulo do livro de Moura traça um paralelo entre pintura e linguagem, discernindo a gênese interna e auto-regulada do sentido como uma alternativa à ontologia

clássica, seu terceiro capítulo, “gênese e ontologia da visão”, prossegue explorando como o filósofo francês dissolve paradigmas dessa ontologia, considerando sobretudo a visão e a dinâmica do Ser através da reflexão sobre a pintura. Ao privilegiar a relação reversível entre corpo e o mundo através da visão, as reflexões merleau-pontianas sobre a pintura mostram como a visão é um emblema da relação orgânica e indissociável entre visível e invisível, mundo e espírito, pois na dimensão da visão o corpo é sujeito e objeto concomitantemente. Assim, a intenção do autor é confirmar a hipótese de que as distintas análises merleau-pontianas “sobre o tempo, a percepção, a linguagem e a visão – se aproximam pela tentativa recorrente de se afastarem do modelo tradicional de constituição, apontando para um tipo de Ser que desconhece a alternativa entre ativo e passivo, o sujeito e o objeto, (...) [e] pela tendência de gravitar em torno daquilo que o filósofo denominará instituição” (MOURA, 2012, p.111).

Em seu último capítulo, denominado “Entre o Ser e o Nada: o visível e o invisível”, Moura continua a descrição de sua hipótese de prolongamento da dimensão ontológica no livro póstumo de Merleau-Ponty, tratando-se de explicitar o paradigma da reversibilidade *d’O visível e [d]o invisível*, da parte e do todo, do Ser e do Nada. Neste livro Merleau-Ponty aborda a noção de um “há” prévio, de uma abertura irrecusável ao mundo, no qual a presença e a ausência, o Ser e o Nada, não se anulam, pois não há uma recusa do negativo, mas sim a revelação de um envolvimento estrutural em que esses termos se reverterem, articulam-se formando uma unidade significativa. Tal unidade deve ser entendida como uma evidência que comporta em si a possibilidade de ocultação, compreendendo o Nada como estruturante, ou seja, como intrínseco ao Ser; uma dimensão, portanto, anterior à exterioridade desses termos, cuja singularidade do ato e a generalidade do mundo são observadas como momentos reversíveis, sem que o mundo seja reduzido à condição de objeto ou mesmo a uma consciência tética.

Ao assumir o Ser como absoluta positividade, como supressão do não-ser, como é o caso das “filosofias do negativo” e dos “intelectualistas”, ignora-se a espessura, a profundidade e até mesmo a pluralidade da dimensão ontológica proposta por Merleau-Ponty. Sua ontologia explora a experiência de um haver “algo”, que não é da ordem do fato ou da abstração pura, visto que, apesar da unidade intrínseca e necessária, há também uma abertura feita por descentramento ou irradiação aludida à estrutura dessa experiência. O filósofo francês distingue, assim, uma “porosidade no Ser” e uma “consistência do Nada” ou, como afirma Moura, “uma unificação que se faz por deiscência e uma nadificação que é estruturante” (MOURA, 2012, p.186), que garante a singularidade de sua ontologia em relação às alternativas clássicas dualistas.

1 O próprio autor traz exemplos de comentadores que discordam de seu posicionamento, por contemplarem na mudança do tratamento que Merleau-Ponty dá à linguagem uma possível ruptura no interior da obra deste filósofo. Cito (MOURA, 2012, p.15-16) “a linguagem traria um tipo de cisão no interior da reflexão do filósofo (...) seja pela permanência de uma ‘atividade categorial’ que escaparia à toda condição situacional (Bimbenet), seja pela inconsistência da noção de intencionalidade, incapaz de articular as descrições do filósofo (Saint-Aubert), ou mesmo pela falta de um embasamento propriamente filosófico para essas descrições (Barbaras)”.

2 De acordo com Moura “a compreensão merleau-pontiana sobre a linguagem desdobra e embasa certos caminhos abertos por seu estudo da percepção” (MOURA, 2012, p.21).